

A Fé que Moveu Uma Igreja

Condensado de
THE ATLANTIC ADVOCATE
GEORGE KENT

O Reverendo Vivian Symons não era muito forte nem muito hábil para trabalhos manuais. Mas a sua paróquia precisava de uma nova igreja e êle tratou de fornecê-la

EM PECKHAM, no sudeste de Londres, havia em 1951 uma igreja que ninguém queria. Uma bomba incendiária varara-lhe o telhado. Os ladrões tinham-lhe tirado os tacos do chão, levado os móveis e quebrado as vidraças. Os fiéis da congregação passaram a frequentar outras igrejas.

As autoridades eclesiásticas tinham

decidido demoli-la e vender o terreno, pois já havia igrejas em número suficiente na redondeza. Foi então que apareceu o Homenzinho.

O Reverendo Vivian Symons—um feixe de determinação medindo 1,60 m de altura e pesando 64 quilos—disse que se encarregaria dos trabalhos de demolição, pois o madeira-me, as pedras, os tijolos e ladrilhos

eram justamente o que precisava para a nova igreja que pretendia construir em Biggin Hill, a 27 quilômetros dali. As autoridades eclesiásticas indagaram como faria êle o trabalho.

—Eu mesmo o farei—respondeu êle.

As autoridades não o julgaram muito certo do juízo, mas era um môço tão cheio de entusiasmo que resolveram arriscar. A Igreja de Todos os Santos estava à sua disposição para êle fazer a remoção do material.

O fato é que o Homenzinho fêz a remoção. E, a não ser o auxílio fortuito de alguns estudantes, um velho carpinteiro e um corretor de seguros, fêz tudo sòzinho.

Era uma igreja bem grande: 28 metros de altura, 40 de comprimento e 13 de largura. Para remover todo aquêle material, o homem que parecia um pardal levou mais de três anos, percorreu 48 000 quilômetros, transportando 125 000 tijolos, 400 toneladas de pedra, 40 toneladas de madeira, duas toneladas e meia de chumbo e grande quantidade de entulho para os alicerces. Gastou 10 pares de sapatos e 30 pares de luvas. Perdeu 14 quilos. E, quando chegou ao fim, começou imediatamente—ainda sòzinho—a construir a nova igreja, a sua igreja. E construiu-a. Foi a Igreja de São Marcos, um belo acréscimo às igrejas da Inglaterra. Levou seis anos e oito meses para fazer todo o trabalho.

Em todos êsses anos de incessante

trabalho braçal, Symons jamais descuroou dos seus deveres paroquiais. Batizava crianças, celebrava casamentos e oficiava em funerais; várias vêzes por semana ministrava comunhão bem cedo, pregava um sermão aos domingos e acumulava as funções de capelão da guarnição próxima da Real Fôrça Aérea.

Tabernáculo de Zinco. Symons chegara a Biggin Hill em 1951, como coadjutor, logo depois da sua ordenação. A igreja não era grande coisa—não passava de um barracão coberto de zinco, levantado 50 anos antes, a que o próprio bispo chamava “tabernáculo de zinco”. Construída quando a cidade era pequena, a igreja comportava 70 pessoas apenas. Agora passara a ser gritantemente insuficiente para servir a uma população muito maior. “O cúmulo foi”, disse Symons, “quando um caixão de defunto, um pouco mais largo do que o comum, não pôde passar pela porta.”

Foi então que êle resolveu construir uma igreja nova. Mas a reação dos seus superiores na diocese não foi muito tranqüilizadora. Maravilharam-se diante de sua ambição, mas não o animaram de maneira nenhuma. O fundo de construção da igreja atingia o total de 2 600 libras, quantia que levava quase 50 anos para acumular-se. O preço de uma estrutura de pedra como êle tinha em vista era calculado em 50 000 libras.

Havia outros motivos para êste sentimento de dúvida. Symons não era muito forte, e, pior ainda, não

tinha jeito para trabalhos manuais. Mas tinha uma coisa que falta a muito de nós—tinha fé.

No dia 12 de agosto de 1952, o Reverendo Symons deteve-se vestido impecavelmente de preto à porta da igreja de Peckham e fêz uma breve prece que terminou com as seguintes palavras: "Em nome de Jesus Cristo, removo-te para Biggin Hill." Vestiu então um macacão sobre o seu traje eclesiástico e entrou em ação.

Alturas Vertiginosas. Na primeira vez que subiu ao campanário foi quase acometido por uma vertigem. Mas nos meses seguintes chegou a trabalhar com a picareta no alto de estreitas paredes, enquanto pombos assustados esvoaçavam-lhe em torno da cabeça. Alguns dos estudantes que apareceram para ajudá-lo não conseguiram suportar a altura e tiveram de ser ajudados a descer.

Os jornais começaram a falar no que êle estava fazendo e uma empreiteira deu-lhe um velho caminhão Morris 1928, de meia tonelada. Um vizinho deu-lhe uma picareta. Um mecânico de garagem mandou-lhe chaves inglesas. A R.A.F. emprestou-lhe velhas polias e cordas de *nylon*. Um construtor tornou o trabalho possível, dando tubos de aço para os andaimes.

O seu primeiro trabalho de vulto foi armar os andaimes de tubos manobrando no ar os seis metros de comprimento de cada peça e enfiá-las nos seus encaixes. Foi terrível fazer isso lá no alto, com o vento

forte soprando. Haver êle conseguido levar a cabo a tarefa com aquelas mãos pequenas e aquêles pulsos finos, é um mistério que só a fé pode explicar.

O mais difícil foi o campanário, que se elevava 12 metros acima do telhado. Um demolidor profissional teria usado tubos de aço nesse ponto e mandaria três ou quatro homens colocá-los em torno da torre. Um empreiteiro viu recentemente uma fotografia dos andaimes e exclamou:

—O senhor colocou tudo errado! É de admirar que não tivesse morrido!

Depois que assentou os andaimes, Symons começou a carregar as telhas uma por uma num recipiente, e fazendo-as descer por meio de uma corda com roldana, 20 ou 30 de cada vez. Depois, descia os duzentos e tantos degraus de uma série de escadas, descarregava as telhas e tornava a subir para repetir o serviço. Salvo aos sábados, quando havia habitualmente um colegial e um ou dois paroquianos para ajudá-lo, fazia isso centenas de vêzes por dia.

Quase perdeu o ânimo ao deparar com as grandes traves que sustentavam o telhado. Eram de compacto pinho da Colúmbia Britânica, e tinham 28 centímetros por 22. Algumas mediam oito metros de comprimento e pesavam meia tonelada. Em primeiro lugar, tirou cuidadosamente os parafusos, guardando-os para uso posterior. Em seguida, levou lenta e penosamente as grandes traves até aonde havia armado

um plano inclinado junto aos andaimes. A fim de colocá-las no caminho, cavou a terra de tal modo que a plataforma do veículo ficasse no mesmo nível do piso da igreja. Por fim, colocando rolos sob as traves, empurrava-as para o caminho.

O telhado estava afinal retirado e êle podia olhar para cima e ver o céu. Restavam ainda as altas paredes de tijolos, as grandes pilastras de pedra das janelas, as 10 colunas da nave e o grande arco gótico que ia de um lado a outro da igreja. Derrubou as paredes prendendo-lhes um cabo que puxou com o caminho. Assim também derrubou as colunas.

O chão da igreja estava cheio de entulho até à altura da cintura. Quando tudo isso foi removido no caminho, Symons fez uso de um guincho—também dado de presente—para deslocar as grandes lajes do piso, que foram levadas para o caminho sobre rolos. Depois, foi a vez das pesadas portas chapeadas de ferro.

Nova Igreja em Biggin Hill. Em novembro de 1955, três anos e quatro meses depois de haver levado pela primeira vez o seu caminho pela Estrada Velha de Kent, a tarefa “impossível” estava terminada. Tudo o que tinha sido a Igreja de Todos os Santos estava ordenadamente empilhado em Biggin Hill. Começava a segunda e talvez mais difícil etapa da aventura—a construção da nova igreja.

Symons pediu a Sir Giles Gilbert Scott, o arquiteto que fizera o projeto da Catedral de Liverpool e re-

construíra a Câmara dos Comuns, que o ajudasse fazendo uma planta. Partindo de um homem qualquer, o pedido seria simplesmente uma impertinência; partindo do pároco sem tostão, era um ato de fé. Poucas pessoas lhe haviam negado alguma coisa desde que começara a trabalhar. Sir Giles não foi uma dessas exceções. Designou para incumbir-se do serviço Richard Scott, seu filho e sócio.

Depois de 40 meses de labuta, o pequeno ministro parou e tomou dois dias de férias.

Em seguida, abateu as árvores e roçou o mato que enchia o terreno destinado à nova igreja. Começaram a aparecer mais coisas emprestadas—uma escavadeira, um caminho de descarga com plataforma móvel, duas misturadeiras de cimento e dois guindastes mecânicos. Symons já tinha aberto uma estrada até ao local para dar passagem aos caminhões pesadamente carregados com o material da Igreja de Todos os Santos, em Peckham. A pista coberta de entulho serviu para manobrar as pesadas máquinas até ao lugar em que deviam ficar em preparo para a construção.

Subindo à boléia da escavadeira, Symons, para nivelar o local, removeu grandes quantidades de terra, que deixava cair no caminho de plataforma móvel. Saía depois com o caminho e ia esvaziá-lo. Concluída essa tarefa, demarcou o local da nova igreja guiando-se pelas plantas, encheu valas com cimento para formar os alicerces, e iniciou a construção.

Um pedreiro trabalhou com êle durante alguns dias, ensinando-lhe a arte de construir a prumo e com solidez. As mulheres da paróquia e os Escoteiros limpavam os tijolos da argamassa velha. As paredes se erguiam a cinco metros de altura.

De Guindasteiro a Artista. À noite, Symons dedicava-se a tarefas ainda mais difíceis. Aprendeu num livro e pela observação direta de um artífice a fundir prata e ouro e a engastar pedras preciosas. Depois disso, com os donativos de jóias que recebera, fêz uma cruz para o altar, um cálice, uma pátena, um báculo e outros objetos rituais. E tudo isso foi bem-feito e ficou belo.

Obteve para as 57 janelas da igreja lâminas de vidro plano róseo da Bélgica e, utilizando uma broca que um dentista lhe dera, gravou nas vidraças com água-forte cópias das ilustrações da *Bíblia dos Pobres* (*Bíblia Pauperum*) do século XV. Também isso foi bem-feito e belo. Sir Giles profetizou que um dia êsse trabalho será mundialmente famoso.

Uma firma local de empreiteiros propôs ajudar a completar a construção, cobrando apenas as despesas. Symons consultou a autoridade diocesana. A proposta foi aceita e a obra adiantou-se rapidamente.

Mas restava ainda muito para o grande Homenzinho fazer, como, por exemplo, as 15 grandes traves de sustentação e o resto do madeirame do telhado. Como poderia isso ser erguido? O ministro quis alugar um guindaste possante, mas a companhia

emprestou-o gratuitamente. Era um monstro, com uma lança de 15 metros. Symons treinou o seu manejo, aprendeu-o e colocou as pesadas madeiras no lugar. Completou a estrutura com caibros, três quilômetros e meio de tábuas e as telhas levadas da velha igreja.

Feito isso, era preciso mobiliar a igreja. Quando se sugeriu que os bancos fôssem feitos de pinho, Symons não deu atenção à proposta. Para êle só serviria carvalho. O generoso donativo de um paroquiano permitiu-lhe comprar uma partida de 300 libras do mais sêco carvalho inglês. Os carpinteiros locais ofereceram os seus serviços. Houve madeira suficiente para os bancos do côro, o púlpito e todo o mobiliário da igreja. Symons e Henry Wilkinson, um dos seus paroquianos, juntaram então três tábuas de cinco centímetros para formar a frente do altar, e esculpíram nelas cópias fiéis de cinco das cenas gravadas no vidro róseo das janelas.

Havia necessidade de alguma coisa para a parte de trás do altar e o ministro tratou de desenhar uma peça de centro apropriada. Depois de uma troca de esboços preliminares entre o ministro e o arquiteto, um pintor amigo, Roland Pym, completou a tela de sete metros de altura e quase três metros de largura, emoldurada agora por um magnífico retábulo de carvalho dourado. No centro do quadro há uma figura de dois metros e meio de Cristo-Rei. No canto inferior esquerdo vê-se

uma representação estilizada da Igreja de Todos os Santos e, no direito, da nova Igreja de São Marcos.

Ajuda do Mestre. Em resposta a um apêlo do vigário, as ofertas de auxílio começaram a chover de todos os lados. Os sócios de um sindicato de bombeiros ajudaram a revestir de chumbo o interior da pia batismal e ainda contribuíram com o vidro para uma janela. Outra pessoa deu o órgão. As mulheres da igreja passaram muitas horas tricotando, cosendo e bordando almofadas para os bancos e capas para os genuflexórios. Os bancos foram envernizados, polidos e lustrados pelas môças. Proprietários de viveiros de plantas deram roseiras e grama para o adro da igreja. E, afinal, a igreja foi terminada. Havia lugar para 350 pessoas sentadas.

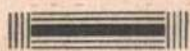
No dia 25 de abril de 1959, os sinos tocaram pela primeira vez chamando à consagração da "catedral de aldeia", como lhe chamou o falecido Bispo de Rochester. A construção da nova igreja levava três anos e quatro meses—exatamente o tempo

gasto na mudança da Igreja de Todos os Santos.

Estávamos outro dia sentados no escritório da casa paroquial de Vivian Symons, conversando sobre o passado e o futuro. (Ele já está planejando uma dependência muito necessária à Igreja de São Marcos—um pavilhão de atividades sociais e recreativas, que pretende iniciar ainda êste ano.) Ali estava um homem que não era muito hábil para trabalhos manuais, mas que conseguira dominar a técnica de 16 profissões, muitas delas bem díficeis. Enumeremo-las: motorista de caminhão, demolidor, pedreiro, canteiro, bombeiro, electricista, entalhador, arquiteto paisagista, pintor, carpinteiro, telhador, guindasteiro, vidraceiro, construtor de andaimes, ourives e prateiro.

O que êle fêz toca às raias do incrível. Perguntei-lhe se podia dar uma explicação.

—Todos pensam que eu estava sozinho—disse o Reverendo Vivian Symons.—Mas não estava. Trabalhava para um bom Mestre, que nunca saía de perto de mim.



Desejo Ardente

NO DIA em que fêz 85 anos, Tia Lucybelle ganhou do sobrinho um aparelho de ar condicionado. Alguns dias depois, quando a temperatura era de uns 35 graus, êle foi visitá-la, para ver se o aparelho estava funcionando. Ao entrar na casa sentiu cheiro de fumaça.

—Há alguma coisa queimando—disse êle.

—É claro, meu bem—respondeu ela.—É por isso que eu gosto do aparelho de ar condicionado que você me deu, meu bem. Agora posso ter a lareira acesa o ano inteiro.

—E. F.